



## TU

Ana Moravi – [anamoravi79@gmail.com](mailto:anamoravi79@gmail.com)

Universidade de Brasília, UnB, Brasília, Distrito Federal; Bolsista CNPq; <https://orcid.org/0000-0001-7908-5905>

**RESUMO:** Com base na leitura de *Naturalmente: vários acessos ao significado de natureza*, conjunto de ensaios do filósofo Vilém Flusser (2015), que tem a natureza como tese a partir de suas várias antíteses, e, em especial, o texto “Ventos”, presente no livro, apresento o ensaio fotográfico intitulado *Tu*, que explora a fotografia de longa exposição em diálogo com a cianotipia, técnica de impressão que evoca o forte impacto das relações entre tempo e luz (neste caso, a solar) para fazer experimentar as dimensões de estranhamento e fugacidade na imagem e nas relações entre nosso (des)entendimento das noções sobre a natureza e nossa existência anímica.

**PALAVRAS-CHAVE:** natureza; cianotipia; ensaio; artes visuais.

*O vento conduz  
a distância uma fuga:  
o caibro, o ninbo e a coruja.*  
Manoel Fernandes Neto<sup>1</sup>

O vento passa cantante nas árvores ao lado de minha janela, os pássaros o acompanham sonoros, como se estivessem a caminho da conferência de Attar, seguindo as plumas do *Anga*<sup>2</sup>, cuja sabedoria inalcançável chega aos humanos como fragmentos de verdades imaginárias. Penso no devir poupa<sup>3</sup>, deixo-me evadir por onde o guiar é errante. Busco informações tentando estabelecer uma dimensão ética para a diversidade dos encontros e afetos da existência, sem saber o que será encontrado ou qual o resultado dessa busca por uma cosmopoética das lágrimas, que parte do lado do rio difícil de navegar<sup>4</sup>. Como nos ventos de Vilém Flusser, os blocos da cultura mantêm o vento a intensidades seguras, sem afetar, entretanto, sua ontologia. Tento ouvir, pelos sons de sua ventania, o que dizem dessa cidade que há pouco habito. Conseguirei transcender o enquadramento desta larga janela, ladeada por gestos de ordenação da natureza, a disfarçar a urbanidade, que se apresenta, sobretudo, em linhas, perspectivas e muitos pontos de fuga? Será possível estabelecer, nos espaços a conhecer, o palco para uma geografia

<sup>1</sup> FERNANDES NETO, M. *Mar de ferro: verão*. Rio de Janeiro: Coletivo Mangaba, 2021, p. 5.

<sup>2</sup> Anga ou Simurgue é o nome persa moderno para uma fabulosa, benevolente e mítica criatura alada. É retratada na arte iraniana como uma criatura alada, gigante o suficiente para carregar uma baleia.

<sup>3</sup> A poupa é uma ave conhecida desde a antiguidade e que tem sido representada sob diversas formas ao longo dos tempos. Possui característico padrão preto e branco nas asas, e a cabeça e pescoço ocre. Sua crista (poupa) pronunciada, orlada por pontas pretas quando levantada se assemelha a um leque. Emite uma vocalização extremamente fácil de ser identificada, um pouco semelhante ao cuco.

<sup>4</sup> Referência ao Rio Parahyba.

experimentada no excesso de sentidos do corpo sem órgãos<sup>5</sup>, planejando o desejo como processo de produção independente para além da ordenação cartesiana que fragmenta vida e cultura, como se esta não fosse uma elaboração do exercício vital? Será a criação artística capaz de transmutar concepções metafísicas através de imagens, sons, experiências e processos?

**Figura 1** – “Tu”, série Sete Vezes, ensaio em cianotipia, 2022



Fonte: arquivo pessoal da autora

As chuvas de novembro refrescam a aridez do Cerrado, e suas águas acompanham as primeiras caminhadas pelo entorno. Águas que estiveram presentes em alguns dos encontros poético-criativos dos meses seguintes, em sons, em nuvens a esconder o sol, nos toques suaves ao lavar suportes. Águas de passagem que marcaram uma temporalidade, enraizada na dupla aurora-crepúsculo, que nos presenteou com métodos e medidas para o tempo. Entre o nascer e o pôr do sol, o movimento dos astros forjou nossos primeiros calendários. Logo, esse cosmo visível se projetou internamente ao concebermos o tempo enquanto duração<sup>6</sup> (estado de consciência) e enquanto ser-aí<sup>7</sup>. Foi como um mergulho nas filosofias do tempo, iniciado nos diálogos com a presença solar, que se deu a prática artística na disciplina de poéticas contemporâneas, ministrada pela artista e professora Nivalda Assunção.

<sup>5</sup> Corpo sem órgãos (CsO) é um conceito metafísico de Deleuze e Guattari presente nos livros *Lógica do Sentido*; *Mil platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*; e *O anti-Édipo*.

<sup>6</sup> Ver BERGSON, H. *Duração e Simultaneidade*. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

<sup>7</sup> Ver HEIDEGGER, M. O conceito de tempo/A questão da técnica. Tradução de Marco Aurélio Werle. *Cadernos de tradução*, n. 2, São Paulo, Departamento de Filosofia da USP, 1997.

**Figura 2** – Registro de aula, 2022

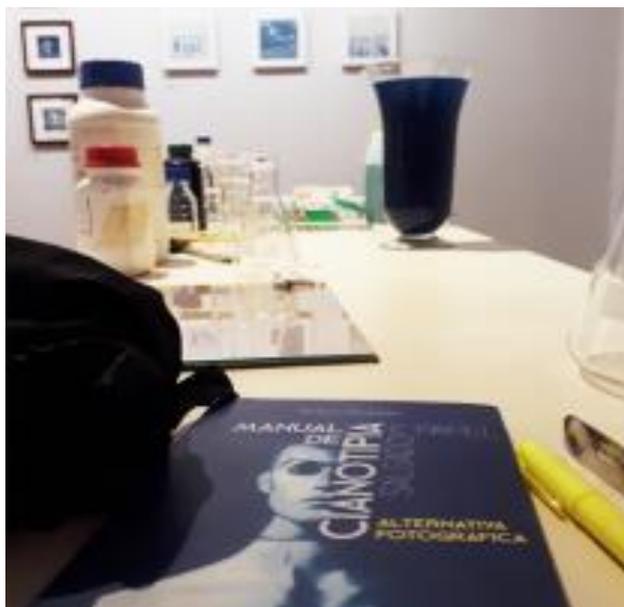
Fonte: arquivo pessoal da autora

Vi-me invitada à prática da cianotipia, técnica de impressão eletroquímica de imagens, com seus tons azulados e sua imprevisibilidade multifatorial. Ao ter contato com o material, o método e as primeiras produções, uma enxurrada de referências e conexões se restabeleceram. Um reencontro com o sentimento arquetípico da vocação humana que, há 15 mil anos, deixou suas marcas utilizando pigmentos e saliva nas pedras e cavernas neolíticas. O reconhecimento de um percurso alquímico próprio nos caminhos da imagem fotográfica<sup>8</sup>: nitrato de prata, sal de cozinha, placas de cobre, albumina, cianótipo, pois, nos primórdios, cada praticante fez suas experimentações e tentou melhorar sua receita para os desenhos fotogênicos. Plantas e objetos sobre superfícies fotossensíveis percorreram caminhos entre máscara, estampa e jogos gráficos de luz e sombra. Da imagem única do daguerreótipo à dissociação negativo/positivo do calótipo, que permitiu a multiplicação das cópias e a mudança de cor e densidade, iniciaram-se os debates acerca do real interpretado e de como compor seus registros. A ficção fotográfica de Bayard<sup>9</sup>, simulando a imagem de seu próprio fim, está na gênese do questionamento da natureza da imagem fotográfica e se mantém, desde os equipamentos rudimentares do princípio às manipulações digitais das inteligências artificiais contemporâneas.

<sup>8</sup> Sobre os percursos históricos da fotografia, ver as referências em *Photo: a history from behind the lens*, série televisiva dirigida por Stan Neumann, produzida por TV-14. França: 2013. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt3397812>. Acesso em: 23 fev. 2023.

<sup>9</sup> *Self-Portrait of a Drowned Man by Hippolyte Bayard*, 1840

**Figura 3** – Registro da exposição Fotos Sínteses, 2022



Fonte: arquivo pessoal da autora

Da tradição pictórica, composições, escalas e o exercício de ver o mundo tecnicamente mediado com os olhos de um pintor, mas com outros rigores. Carregado de uma semelhança íntima ou de sua obscena precisão, como condenava Baudelaire<sup>10</sup>, ao borrão do mundo real imposto pelo longo tempo de exposição necessário nos primórdios, figurou o mundo com imagens, do fantasmagórico movimento transeunte ao imóvel e monumental da fotografia arquitetônica e suas primeiras frontalidades, sem adornos ou cor local. “Falsa por ter de ser exata”, como afirmou Delacroix (s.p.), o tempo de exposição impunha ao tempo da vida uma *mise-en-scene* própria, e a medida entre essas temporalidades foi um enigma a desvelar. Observar a dilatação e contração das pupilas de seu gato foi o artifício encontrado pelo fotógrafo O. G. Rejlander (s.p.) para captar o tempo de exposição média da luz. O cianótipo, por sua vez, trouxe processos de pigmentação que demandaram virtuosismo e produziram experiências únicas de delicadeza e refinamento, como nas obras naturalistas de Anna Atkins, mas caiu em desuso por ser visto como uma imagem artificial dentro da perspectiva realista predominante em alguns períodos da história da arte.

<sup>10</sup> Em carta endereçada ao Sr. Diretor da Revue Française sobre o Salão da Academia de Belas Artes no texto que ficou conhecido como “O Público Moderno e a Fotografia” (1859) o poeta e crítico de arte Baudelaire traça restritas críticas ao meio fotográfico por catalisar o que ele definiu como uma obsessão pelo realismo que tomava conta das artes do período.

**Figura 4** – Registro de fotos sínteses em cianotíпия, séries variadas, 2022



Fonte: arquivo pessoal da autora

A característica de evocar o tempo remoto, que a cianotíпия traz, fez com que, na prática vivenciada, minhas primeiras imagens fossem compostas de fotografias de família, que eram referências para um argumento cinematográfico (*Adeus, felicidade*, 2018), e alguns exercícios de autorretrato com fotografia de longa exposição (*Sete vezes*, 2018-2023). Essas imagens me interessavam por serem dotadas de distintas nuances de profundidade, transparência e opacidade, ainda sem considerar a natureza como interlocutora (e enquanto tese) como companhia teórica para acompanhar minhas práticas. No contato posterior com a técnica, vivenciei o vislumbre de pequenas ações como: a pincelada, que já criava texturas para a imagem-devir; a capacidade de absorção do papel e tecido, que tragavam o químico; os pequenos arranhões no vidro, que se incluíam nas intenções para a imagem revelada; e o toque da luz solar, que alterava a cor da superfície sensível continuamente. Em alguns momentos, o tempo cronológico de relógios foi a medida, em outros, a mudança de tons ditava o instante mais esperado, remover a química sob as águas e ver a imagem tomar forma. Testei pincéis, suportes e exercícios com sobreposição de objetos no jogo de figura-fundo, ao passo que encontrava os fios para enredar a prática a um caminho de pesquisa com contornos simbólicos mais convergentes com trajetórias anteriores e com a proposta teórica inicial.

**Figura 5** – Registro da exposição Fotos Sínteses, “Adeus, felicidade”, 2022

Fonte: arquivo pessoal da autora

Durante a leitura de *Natural:mente. Vários acessos ao significado da natureza*<sup>11</sup>, de Flusser estabeleci uma ligação do pensamento como prática e da prática como pensamento. Um deleite para minha escrita ensaística, “pensada na imediatidade de uma vivência experiencial”, semeando palavras para traçar um olhar plurilateral, buscando me “adaptar aos movimentos líricos da alma, às ondulações do sonho, aos sobressaltos da consciência” (p. 25), ao falar sobre a realidade fragmentada, sem, entretanto, aplainar suas fraturas. Examinar, intentar e atuar com base nas forças de um pensamento que se põem em marcha nos seus interstícios. Pontos de conexão ou de desdobramentos, *poiesis* de um discurso estético atravessado pela experiência, mobilizando limites, fronteiras, margens, normas das linguagens. Em uma evidência das poéticas como experiências concretas, José Antônio Domingues (2019) apresenta a reflexão de Luigi Pareyson ao examinar a estética da formatividade em *La definizione dell'arte* (1968, 1972):

É inerente à vida a origem de formas, a criação orgânica. E as formas não são apenas abstracção, mas realização ou concretização que essa abstracção acarreta. E a produção da forma não é o traduzir da intuição. Na produção da forma passa a coisa com as exigências próprias de a realizar. [...] a produção artística permanece no campo do ensaio, é um ensaiar, um proceder dentro de uma espécie de propostas, esboços, interrogações, como se tratasse de aventura criativa, mas guiada, da obra a existir, que é uma exigência intrínseca (Domingues, 2019, p. 52-53).

Pensado com base na leitura dos textos de Flusser, em especial “Ventos”, em que o autor aborda a natureza enquanto hierofania e mandamento transcendente, *Tu* é um ensaio que explora a fotografia de

<sup>11</sup> Ver Flusser (2011).

longa exposição em diálogo com a cianotipia, a fim de experimentar as dimensões de estranhamento e fugacidade na imagem e nas relações entre nosso (des)entendimento das noções sobre a natureza e nossa existência anímica. Uma existência que se forja na imagem fotográfica e suas ficções transcendentais. Um transcender das limitações técnicas, das rasuras conceituais, mas também de qualquer fé inabalável nas imagens.

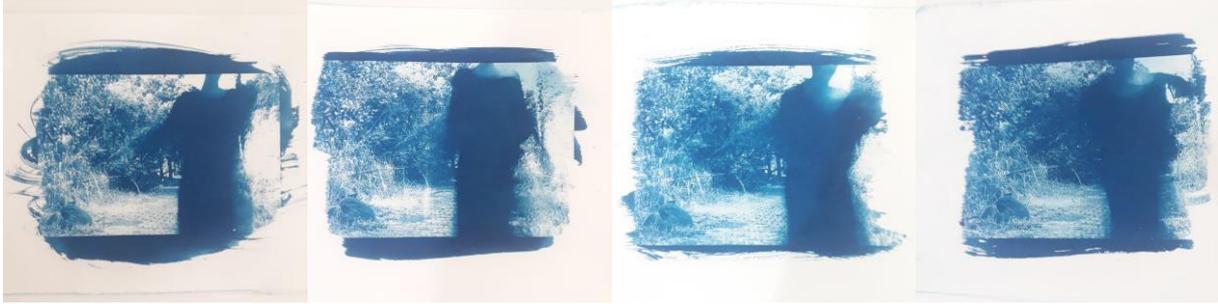
A atenção despreziosa por esse percurso do processo criativo se concretizou em uma caminhada pelo Parque Ecológico e de Uso Múltiplo Olhos D'Água, na cidade de Brasília, onde as imagens foram produzidas. Com sua funcionalidade representativa e protetiva de ecossistemas, os parques compõem uma natureza manejada, culturalizada, enredada nas leituras humanas de sua manifestação imanente. Uma antítese *a priori* e um afeto por consequência, cujos mistérios residem na distância entre o espontâneo da vida e as trilhas demarcadas. Mira a ética dos afetos em Spinoza<sup>12</sup>, onde somos apenas modificação finita das substâncias do mundo, ante todas as outras coisas do Universo, com a potência de compreender, mesmo que parcialmente, o modo como nos colocamos nesse mundo.

Inseridos na natureza ou sendo parte dela, senão sendo ela. Utilizando a razão em favor do corpo (enquanto força de existir, potência em ato), em vez de controlar ou dominar os afetos podemos exercitar substituir os afetos que diminuem nossa potência de agir pelos que ampliam, possibilitando elogios à vida, mesmo diante de um mundo que nos supera e, em alguns momentos, nos faz transitar como plumas ao vento. Afeto como matéria-prima das relações humanas e transumanas, para nos retirar da moral, do julgamento e das paixões tristes e mostrar os pontos comuns, as encruzilhadas, em que encontramos e interagimos. Os afetos são a sacralidade inimaginável e misteriosa das naturezas.

Eis que nasce um corpo disforme em trilha demarcada, onde uma natureza ultrapassa linhas humanas. O cupim e a densa mata do Cerrado contra sombras que parecem caminhar em direção aos olhos, como se fossem capazes de cobrir a tela, para que, então, descolados da visão, possamos aguçar nossos ouvidos a escutar o vento. Permitir ao vento ser enigma. Deixar que ele fale ao mundo participado acerca dos imperativos da natureza em sua forma manifesta do sagrado ou sua superação das limitações da existência física. *Tu* é o vento que nos convida a ser. É o estranhamento em seu fenômeno acústico da ausência, do que não vemos, mas ouvimos, se nos permitirmos ouvir o vento. É a dança entre as metades de nossa mente que buscam inadvertidamente encontrar a solução para o dilema existencial que se anuncia como o *caos uivante*. Entre a substância e o verbo, entre a fé e o saber, somos como um corpo fantasmático, que escapará às tentativas de controle e determinação, tão logo perceba abertura, encontro, e não o fim. *Tu*, é um exercício criativo embrionário, errante e falho.

<sup>12</sup> CARRASCO, B. Spinoza e a ética dos afetos. *Ex-Isto*, 2022. Disponível em: <https://www.ex-isto.com/2021/09/spinoza-etica-afetos.html>. Acesso em 23 fev. 2023.

**Figura 6** – Ensaio “Tu”, série Sete Vezes, 2022



Fonte: arquivo pessoal da autora

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

## REFERÊNCIAS

- ATTAR, F. *A linguagem dos pássaros*. Tradução de Álvaro Machado e Sérgio Rizek (com base na versão integral em persa e francês de Garcin de Tassy - 1863). São Paulo: Attar Editorial, 2015.
- BONA, D. T. *Cosmopoéticas do refúgio*. Trad. Milena P. Duchiate. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2020.
- CARRASCO, B. Spinoza e a ética dos afetos. *Ex-Isto*, 2022. Disponível em: <https://www.ex-isto.com/2021/09/spinoza-etica-afetos.html>. Acesso em: 23 fev. 2023.
- DELEUZE, G. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs*. Vol. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DOMINGUES, J. A. *O ensaio como método*. Covilhã, Portugal: Universidade da Beira Interior, 2019. Disponível em: [https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/7941/1/domingues\\_jose\\_2019\\_ensaio\\_como\\_metodo.pdf](https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/7941/1/domingues_jose_2019_ensaio_como_metodo.pdf). Acesso em: 23 abr. 2024.
- FERNANDES NETO, M. *Mar de ferro: verão*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, Coletivo Mangaba, 2021.
- FLUSSER, V. *Natural:mente: vários acessos ao significado de natureza*. São Paulo: Annablume, 2011.
- NEUMANN, Stan. *Photo: a history from behind the lens*. Série televisiva. TV-14, França: 2013. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt3397812>. Acesso em: 23 fev. 2023.
- REY PUENTE, F. *O tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

***Title***

Tu.

***Abstract***

Based on the reading of "Natural:mente. Vários acessos ao significado de natureza" (2015), a set of essays by philosopher Vilém Flusser, which takes nature as a thesis based on their various antitheses, and, in particular, the text "Winds", present in the book, I present the photographic essay entitled Tu, which explores long exposure photography in dialog with cyanotype, a printing technique that evokes the strong impact of the relationship between time and light (in this case, sunlight) to make us experience the dimensions of strangeness and fleetingness in the image and in the relationship between our (mis)understanding of notions about nature and our inner existence.

***Keywords***

Nature; cyanotype; essay; visual arts.

---

Recebido em: 11/10/2023

Aceito em: 26/04/2024